

No que toca aos primeiros passos da missão japonesa: Gaspar Vilela e a língua enquanto elemento privilegiado dentro da metodologia de acomodação cultural

MARIANA AMABILE BOSCARIOL¹

Sobre aqueles missionários jesuítas dedicados ao projeto educacional que se concretizava na missão japonesa, sobressai a importância dada por eles à descrição e à compreensão das regras sociais e culturais japonesas para chegar-se a um entendimento correto do idioma, sendo compreendidas como elementos articulados. A característica do idioma japonês reflete os costumes e a disciplina de uma sociedade estruturada por uma rígida hierarquia social. Selecionamos o padre Gaspar Vilela (1526-1572), que fazia parte dos primeiros grupos de missionários que foram realocados para desenvolver o trabalho de catequização na missão fundada no Japão por Francisco Xavier a partir de 1549, por o compreendermos como um dos principais ícones dessa primeira fase da missão no Japão. Caracterizou-se pelo pioneirismo, tanto por ter iniciado a expansão da missão para o centro do país, saindo do eixo litorâneo, onde estavam anteriormente limitadas as atividades dos missionários, como pela iniciativa de experimentações culturais em buscar na adaptação cultural uma aproximação com a população local, consequentemente a conquista de um maior número de conversões e batismos. Fez parte de um momento fundamental da missão japonesa, já que ela passava a figurar como uma grande promessa para a Companhia de Jesus e o cristianismo em geral, além de ser o momento em que essa inovação metodológica começou a ser mais amplamente difundida.

Palavras-chave: Companhia de Jesus; missionários jesuítas; Japão; língua japonesa; acomodação cultural.

On the first steps of the Japanese mission: Gaspar Vilela and language as a privileged element within the cultural accommodation methodology (1556-1566)

Among the Jesuit missionaries who were devoted to the educational project in the Japanese mission, stands out the importance given by them to the description and understanding of Japanese cultural and social rules, seen as articulated elements, in order to get a correct understanding of the language. The features of the Japanese language reflect the customs and the discipline of a society organized as a rigid social hierarchy. We selected father Gaspar Vilela (1526-1572), who was in the first groups of missionaries which were relocated to carry out the catechesis work in the mission founded in Japan by Francis Xavier in 1549, because in our view Vilela is one of the main icons of this first phase of the Japanese Mission. He started the expansion of the mission towards the countryside, leaving the coast where missionary activities were previously limited to, and took the initiative to seek cultural adaptation so as to conquer and approach the local population achieving a greater number of conversions and baptisms. He was part of a fundamental moment of the Japanese mission, as it was becoming a great promise for the Society of Jesus and Christianity in General, also the moment when this methodological innovation began to be more widely disseminated.

Key words: Society of Jesus; Jesuit missionaries; Japan; Japanese language; cultural accommodation.

¹ Mestranda em História pelo Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo e bolsista Fapesp sob orientação da professora Eliza Atsuko Tashiro Perez.

"A mais gente que habita esta terra, he naturalmente inclinada ás letras, que se viessem a ser Christaõs, que vivessem pacíficos, floreceria nella o saber [...]"²

A priori, o aclamado método de acomodação cultural³ foi pensado para o Japão por Francisco Xavier, conhecido como o "Apóstolo do Oriente", primordialmente, por sua contribuição à missão instalada em território japonês. Este padre teve a sensibilidade de perceber particularidades do país que, segundo ele, seriam propícias a este tipo de abordagem pela atividade catequética. Os jesuítas encontraram um Japão que passava por grandes reviravoltas políticas, o que afetava outras instâncias da vida no país. Com o xogunato⁴ *Ashikaga* em queda, os senhores das regiões semiautônomas (*daimyos*) disputavam a liderança na reconquista da centralização do poder em um só governante. Nesse contexto, ao trabalhar com a figura de Gaspar Vilela (1526-1572), buscamos identificar alguns dos recursos que os primeiros padres utilizaram para por em prática a acomodação cultural na evangelização, compreendendo que, nesta proposta, a língua era um elemento privilegiado para a adaptação. Centramo-nos, para tanto, na chegada de Vilela ao Japão, em 1556, até sua retirada da ocupação que fundou no centro do país (1566), por entender que este foi seu principal espaço de atuação e onde deixou as principais marcas do seu trabalho.

É compreensível que na chegada de Xavier ao Japão, no ano de 1549, o padre nutrisse a intenção de seguir o método empregado nos outros territórios em que esteve na Ásia – sul da Índia e Molucas –, o que mostrou-se impertinente logo nas suas primeiras experiências. Apesar de Francisco Xavier ser o pioneiro da missão no Japão e da adoção de um posicionamento favorável à adaptação dos missionários à cultura japonesa em específico, ele permaneceu no país por pouquíssimo tempo, não tendo vivenciado o desenvolvimento da missionação a partir dos princípios que estipulava. Gaspar Vilela, apesar de não ter feito parte do primeiro grupo de missionários que chegou ao território japonês, conviveu com os principais padres que destacaram-se nesse estágio da missão. Francisco Xavier, há pouco tendo partido do Japão a caminho da China, não chegou a conviver com Vilela, já que o "superior universal da Índia Oriental esteve dous anos em Japão, e depois tornando para entrar na China, faleceu na ilha de Sanchoan"⁵. Todavia, entre os outros nomes de grande relevância com quem dividiu espaço, estão os de Cosme de Torres, João Fernandez, Lourenço de Hizen, Luis Fróis e Fernão Mendes Pinto⁶.

2 Carta do padre Gaspar Vilela, de Japão da cidade do Sacáy [...] a 17 de Agosto, de 1561. José Manuel Garcia (org.). *Cartas que os padres da Companhia de Iesus escreverão dos reynos de Japão e China aos da mesma Companhia da Índia e Europa des do anno de 1549 até o de 1580*, 2 vs. Maia: Cotovia, 1997. p. 90.

3 *Acoommodatio*: qualificado como o esforço em converter os nativos ao cristianismo partindo da adaptação do próprio missionário a essa outra cultura, valorizando sua peculiaridade. Descrição do termo contida na *Enciclopédia virtual da expansão portuguesa do Centro de História de Além-Mar (CHAM)*, disponibilizada no seguinte site: www.fcsh.unl.pt/cham/leve. Acesso em 18/09/2012.

4 Também denominado como *Bakufu*, é o governo do Xogum, líder de caráter militar que, quando assumia a governança, possuía poderes inclusive superiores aos do imperador (*tenno*). Contemporâneos ao período da presença missionária no Japão, o período é conhecido como *Sengoku-jidai* e caracterizado por profundos conflitos, instabilidade e descentralização política, que ocorriam a um longo tempo. O *Ashikaga Bakufu* caiu por completo em 1573, a partir da ascensão de Oda Nobunaga em 1568.

5 Fundo documental pertencente a Real Academia de Historia de Madrid (doravante RAH): *Jesuítas*, Legajo 21, pasta nº 1, p. 11v. Fundo documental pertencente a Real Academia de La Historia de Madrid. Para mais informações: Josef Franz Schutte (S.l.). *El "Archivo del Japón": vicisitudes del archivo jesuítico del Extremo Oriente y descripción del fondo existente en la Real Academia de la Historia*. Madrid: RAH, 1964.

6 Cosme de Torres (1510-1570) foi o superior da missão jesuíta no Japão de 1551 até o ano de 1570. Substituto de Francisco Xavier quando este deixou o país, Torres chegou na mesma delegação que ele, no ano de 1549. Não só é importante por esse cargo assumido, mas por ter pessoalmente sido favorável a seguir os aconselhamentos de Xavier, favoráveis a políticas de adaptação, o que nos é especialmente interessante por tratar-se do período em que Gaspar Vilela missionou na região. Também teve grande importância na fundação da cidade e do porto de Nagasaki. João Fernandes (1526-1567), missionário que também estava presente na viagem com Torres e Xavier

O padre entrou para a Companhia de Jesus no ano de 1553, tendo nascido em 1526 no vilarejo alentejano de Avis, em Portugal. Não se sabe muito sobre a vida particular de Vilela, mas ele teria partido para o Estado português da Índia no ano de 1551 e sido ordenado padre na cidade de Goa antes de ter entrado na Companhia de Jesus⁷. Foi incluído no ano de 1554 na delegação que teve como destino o Japão, liderada por Melchior Nunes Barreto (1520-1571), então Provincial da Índia⁸.

Na era de 1554, veio dom Francisco Palha a Bungo, e em sua companhia o padre mestre Belchior superior universal da Índia e o padre Gaspar Vilela, e os irmãos Guilherme Melchior Dias, e Fernão Mendez.⁹

Antes mesmo de chegar ao território japonês, Vilela recebeu a informação de que tratava-se de “[...] gente polida e de razão [...]”¹⁰. Tendo chegado ao Japão, permaneceu na região de *Bungo* até 1558.

Depois de nossa chegada a esta terra ordenaram que ficasse eu em Būngo com o padre Cosme de Torres, que por ser já velho tinha necessidade de alguma ajuda para tantos, e tão grandes trabalhos, como sempre têm, e para que desse aprendesse o modo, e o exercício que se tem com estes cristãos, e costumes da terra [...]”¹¹

Neste trecho da carta destinada aos padres da Companhia na Índia e na Europa, datada de 29 de outubro de 1557, está claro que havia diretrizes definidas para o início das atividades pelos missionários recém-chegados. Eram principalmente apontamentos no sentido de fazer com que os padres se ocupassem em compreender qual era a especificidade daquela cristandade (já eram denominados assim, um público compreendido como cristão-japonês) e daquele estilo de vida. Esse posicionamento é claramente uma herança de Francisco Xavier, que havia deixado seus fundamentos para o desenvolvimento do trabalho missionário.

Gaspar Vilela trabalhou, no início, diretamente ligado ao então superior da missão Cosme de Torres, situação que favoreceu-o no conhecimento mais profundo do modo de proceder da ordem. Depois de *Bungo*, região onde concentrava-se a maior parte das atividades missionárias e

a caminho do Japão, foi um dos primeiros a ter reconhecimento pelo seu alto nível de conhecimento do idioma japonês, podendo ter sido o primeiro europeu autor de uma gramática e dicionário da língua japonesa, material que teria se perdido em um acidente. Lourenço de Hizen (1525-1592) foi um japonês batizado pelo próprio Francisco Xavier. Tornou-se um dos principais agentes da missão no Japão, tendo sido admitido na Companhia de Jesus em 1556, ano da chegada de Gaspar Vilela – acompanhando-o de perto no início das atividades no centro do país. É um dos maiores exemplos desse período inicial da missão e das opções feitas pelos missionários para a evangelização, tornou-se membro da ordem e auxiliava os padres principalmente como intérprete não só da língua, mas da própria sociedade japonesa em si, que em muitos pontos ainda era uma incógnita. Luís Fróis (1532-1597) chegou ao Japão em 1563, depois de que já havia sido realizado o batismo do primeiro *daimyo*, Omura Sumitada. Não apenas vivenciou e participou de episódios importantíssimos nos muitos anos em que permaneceu no Japão, onde ficou até sua morte, mas ocupou-se em escrever sobre a missão e tudo o que dizia respeito a ela. Suas obras são de fundamental importância para compreender o período e renderam-lhe o título posterior de primeiro “japonólogo”. Além das suas inúmeras cartas, escritas com riqueza de detalhes. É dele a autoria de *Historia de Japão e Europa (Tratado das diferenças onde se contém...)*. Fernão Mendes Pinto (1510-1583) fez parte da mesma delegação que Vilela rumo ao Japão. Tendo vivido em outras regiões da Ásia, escreveu a obra *Peregrinação* – na qual narra de maneira um tanto quanto fantástica as experiências por ele vividas. Caso que lhe rendeu a brincadeira com seu nome: Fernão, mentes? Minto!

7 Madalena Ribeiro. ‘Gaspar Vilela: Between Kyoto and the Kinai’, *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies*, v. 15, Lisboa, 2007. p. 11.

8 A delegação contaria também com a presença de mais quatro irmãos jesuítas, alguns órfãos do Colégio de São Paulo em Goa e um japonês, que já no trajeto os ensinaria o idioma japonês. Madalena Ribeiro. *Op. cit.* p. 12.

9 RAH: *Jesuítas*, Legajo 21, pasta nº 1, p. 4. Cf. Josef Franz Schutte. *Op. cit.*

10 De uma que o padre Gaspar Vilela escreveu [...] a 24 de abril de 1554. José Manuel Garcia (org.). *Op. cit.* p. 30.

11 Carta do padre Gaspar Vilela de Japão [...] a 29 de outubro de 1557 [...]. Idem. p. 54.

onde estavam alcançando relativo sucesso, permaneceu de 1558 a 1559 em *Hirado*, partindo em seguida para a região do *Miyako* (都)¹². Centro do país e lugar estratégico, era a capital do império tanto política como culturalmente, “porque a principal terra é o Miáco pera que a lei de Deus nosso Senhor seja ouvida em todo Japão por causa dos muitos letrados, e a força de suas letras ali consistir”¹³. Intento que mostrava-se distante e de grandes obstáculos pela resistência dos japoneses, responsáveis pelo controle dessa região. Se, inicialmente, a preocupação dos padres era aproximar-se da população comum, logo figurou como de maior interesse o bom relacionamento e a aproximação deles com as lideranças locais, o que já vinha sido demonstrado por Xavier e tido como um passo fundamental para a consolidação e o fortalecimento da evangelização no país.

Tínhamos três casas da companhia nestas partes, em Yamánguchi uma, onde havia muitos cristãos; a qual se queimou, e a cidade juntamente, e os Christãos se espalharão por diversas terras, e a nossa casa foi dada a um pagode, ou casa de ídolos, mas agora tivemos por nova que estava por nossa, porque alguns cristãos que ficaram, o requereram ao que matou o Rei, e os meteu de posse do campo em que estava a nossa casa. Temos outra em Firando, onde há alguns cristãos: na qual estava o padre Baltasar Gago. A terceira, e mais principal, está em Búngo, onde nos parece que permanecerá mais a Companhia com a graça divina, assim por ser el-Rei muito nosso amigo, o que experimentamos no favor, bons conselhos, que nos dá com não ser cristão, como também por sermos mais conhecidos e acreditados com os que governam a terra, e foldas el-Rei que nela se denuncie a lei evangélica¹⁴.

Os missionários tiveram com alguns *daimyos* um relacionamento próximo, girando a fundação da missão em torno da circunscrição daqueles de quem conseguiam certos privilégios, o que no início restringia-se à ilha de *Kyúshû*. Na região de *Bungo*, o principal *daimyo* era Otomo Yoshishige (1530-1587), provavelmente a quem Vilela referiu-se como sendo o “rei” da região. Já no centro, um dos principais nomes era Oda Nobunaga (1534-1582), importantíssimo *daimyo* do período, que por um bom tempo encabeçou o processo de reunificação política no Japão. Nobunaga, líder ambicioso e bem articulado, aproximou-se dos jesuítas percebendo que com esse relacionamento poderia tirar vantagens para aquilo que mais o havia interessado: a tecnologia bélica trazida pelos navios portugueses. Apesar de não ter se tornado adepto da religião, procurou com o passar do tempo proteger o trabalho dos missionários, sendo um dos seus principais aliados. Era característica, até a fundação de Nagasaki, a permanência dos eclesiásticos nas regiões portuárias, onde eram mais conhecidos, sobretudo pelos líderes que nutriam interesses diretos com a possibilidade de desenvolver relações comerciais, atividade em que os missionários também inseriam-se. Assim, a permanência deles nessas regiões era estratégica e de menor risco, pois foi a partir deles que os japoneses conseguiam entrar em contato com os comerciantes. Esse *daimyo* logrou compreender a conjuntura pela qual o país estava passando: a retomada da centralização política em um só governante e o papel que os jesuítas poderiam representar nesse processo.

Quanto mais o tempo passava, aquele primeiro estranhamento fruto do desconhecimento inicial era superado. Os missionários – Vilela em específico – iam percebendo a vital importância que era atingir uma boa comunicação com a população. Tarefa que não apenas serviria para a pregação e a compreensão do que era confessado. A partir da ligação que almejavam manter com a elite política, era imprescindível que soubessem comunicar-se a altura e passar exatamente a mensagem pretendida.

12 Literalmente significa a capital. Correspondendo à atual cidade de Kyoto, permaneceu enquanto capital do Japão até o século XIX, sendo transferida para Edo, posteriormente Tokyô.

13 Carta do padre Gaspar Vilela [...] aos 13 de julho de 1564. José Manuel Garcia (org.). *Op. cit.* p. 142v.

14 Carta do padre Gaspar Vilela de Japão [...] a 29 de outubro de 1557 [...]. Idem. p. 59.

Neste tempo virão outra vez de Yamánguchi pedir que os socorresse, nos por ver o grande fruto que se ia fazendo em Bûngo onde estávamos, e a falta que havia de fazer o irmão João Fernandez, que era o que avia de ir, por não haver então outra língua melhor [...]”¹⁵

João Fernandez era um exemplo de missionário que alcançou destaque por ser versado no idioma japonês, sendo urgente a necessidade do desenvolvimento dessas mesmas habilidades por outros padres, tanto por aqueles que já encontravam-se em território japonês quanto pelos que para lá estavam sendo destinados.

A barreira linguística era uma das grandes lacunas a ser superada para o êxito no trabalho jesuíta, tratando-se de uma língua sem parâmetros conhecidos. Índia, China e Japão eram distintos quanto à ancestralidade de sua civilização, o que também compreendia a complexidade de sua tradição escrita e oral. Na Índia, os padres penavam para conseguir comunicar-se eficientemente com a população em virtude da variedade de línguas e dialetos existentes¹⁶. Saber uma língua autóctone não garantiria, nesse caso, o contato com a população, assim como a forma de sanar esse tipo de dificuldade; os missionários buscavam a definição de uma língua para uso comum nas ocupações portuguesas¹⁷. Os dialetos indianos em nada lembravam o idioma japonês. Por outro lado, com os chineses, que possuíam uma escrita muito próxima dos japoneses, os portugueses ainda não haviam conseguido relacionar-se e nem mesmo detinham autorização para atuar neste território. Ou seja, mesmo entre os países asiáticos, eles não conseguiram estabelecer uma uniformidade. Após o esforço de fazer do japonês a língua da missão, os jesuítas estrangeiros deixavam as línguas ibéricas apenas para aqueles que não conseguiam comunicar-se no idioma e para a correspondência que mantinham com as outras sedes da Companhia¹⁸. Os primeiros missionários a residirem no Japão – em meio a essa dificuldade de desenvolver uma completa autonomia comunicativa no idioma local – optaram por cercarem-se de nativos convertidos. Eles seriam úteis para a catequização das comunidades com quem entravam em contato por dominarem os seus trejeitos, e começavam a desenvolver propriamente um trabalho de evangelização, sendo portavozes nas infundáveis discussões travadas com os *bonzos* budistas.

Vede irmãos que por estes dizia o Senhor ser a messe muita, e os obreiros poucos, que não há dúvida nenhuma segundo a experiência que desta terra tenho, se não que em todas as partes de Japão obraria a palavra de Deus, se houvesse que a manifestasse. Até o presente tivemos grande falta de interpretes, mas já falamos, e entendemos todos a língua, posto que uns mais que outros [...]”¹⁹

Desde o início, a participação de japoneses cristianizados era de fundamental importância como suporte às atividades missionárias, constatação que levou Cosme de Torres a receber, ainda em 1556, dois membros dessa categoria na Companhia. O irmão Lourenço é um exemplo desse tipo de caso: sendo um dos japoneses de maior destaque em todo o período da missão, auxiliou de perto o padre Gaspar Vilela em suas atividades, principalmente na conquista de um espaço no centro do país. Como o padre informou em 1557, “aos japões pregava um japão cristão nosso

15 Carta do padre Gaspar Vilela de Japão [...] a 29 de outubro de 1557 [...] Idem. p. 56v.

16 Ver o artigo de Ana Paula Sena Gomide, *Inquisidores e jesuítas em defesa do catolicismo*, nesta mesma edição da revista *7 Mares*.

17 Juan G. Lisboa Ruiz de Medina. 'Interacción cultural en Oriente 30 años antes de Mateo Ricci'. *O século cristão do Japão: actas do colóquio internacional comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão (1543-1993)*. Lisboa, 1993. p. 129.

18 Idem. p. 134.

19 Carta do padre Gaspar Vilela de Japão [...] a 29 de outubro de 1557 [...]. José Manuel Garcia (org.). *Op. cit.* p. 59.

companheiro, homem mui virtuoso, a que o Senhor comunicou muito por sua misericórdia [...]”²⁰. O padre fez referência, em uma carta de 1561, que no “[...] ano que disse de 1559 partimos de Búngo eu e um japonês por nome Lourenço, que é como irmão nosso nas cousas da virtude: é boa língua e versado nas cousas de Japão [...]”²¹.

Com a intenção de conquistar a fundação de uma missão nesse território, Vilela propôs como estratégia aquilo que Xavier já havia compreendido como viável quando ele próprio encontrava-se por aquelas terras: o esforço no sentido de conseguir a aproximação da elite local. Foram acompanhados por mais dois *dojuku*²², chegando a *Miyako* no ano de 1559. Ao contrário da região de *Kyûshû*, os padres não eram por ali conhecidos e nem tinham muitos dos seus atrativos materiais, como a imponência dos navios. Tampouco possuíam o respaldo de figuras importantes localmente, como o já citado estreito laço que vinham mantendo com *Yoshishige*. Estavam, assim, isolados dos seus outros companheiros da ordem, contando única e exclusivamente com suas dedicação e habilidades.

A era de 1559 anos, aos quatro dias do mês de novembro, me mandou aparelhar a santa obediência da cozinha onde andava, para ir ao Miáco; o aparelho foi rapar a cabeça, e barba, e vestir-me em vestidos dos Bonzos, que são seus padres, e ficado mudado do próprio vestido, me mandarão com dois japões que em casa estavam para a dita cidade do Miáco que é [...]”²³

Durante esses anos em que Gaspar Vilela esteve completamente isolado de seus companheiros jesuítas, manteve apenas comunicação ativa através das cartas trocadas esporadicamente. Isso possibilitou a experimentação de diferentes abordagens no trato da evangelização, iniciativa devida em grande parte à característica formação jesuítica, voltada à observação e ao estudo da religião e da cultura local, mas também ao perfil individual do padre. Vilela prontificou-se a conhecer os templos budistas e o estilo de vida de seus membros, além de todo o universo que cercava-os (festividades, símbolos, comportamentos, etc.). Segundo essa perspectiva de aproximação cultural, uma tendência seguida por alguns padres que atuavam no contexto asiático foi a opção de cristianizar determinados ritos gentílicos, arraigados ao estilo de vida cotidiano de algumas populações. Buscavam mudar certas referências para que pudessem, dessa forma, serem aceitos dentro do compreendido como possível para a prática católica, o que requisitava um grau de despreendimento muito grande por parte dos missionários, tendo em vista serem ritos em essência religiosos. Claro, essa era uma prática muitas vezes incompreendida por muitos dos setores do clero, ultrapassando a mera questão de se aceitar a adoção de elementos cotidianos e corriqueiros para entrar em outra esfera, propriamente a de apropriação de determinada simbologia religiosa para se alcançar maior aceitação na localidade. Em outras regiões, como a China, esse debate foi extenso e gerou diversos tipos de problema a seus praticantes, chegando ao ponto de ser vetado posteriormente pelos superiores da Igreja²⁴.

20 Carta do padre Gaspar Vilela de Japão [...] a 29. de outubro de 1557 [...]. Idem. p. 59v.

21 Carta do padre Gaspar Vilela, de Japão da cidade do Sacáy [...] a 17 de agosto de 1561. Idem. p. 89v.

22 Termo que designava primeiro os noviços dentro da seita budista. Foi apropriado a fim de denominar os japoneses convertidos ao cristianismo que atuavam juntos aos missionários como seus auxiliares. Deles não era requisitado seguir o estilo de vida sacerdotal, mas, formados exclusivamente por homens, que fossem batizados, seguissem os estudos do catecismo e fossem versados em letras, já que a principal função que exerciam era a de intérpretes e tradutores.

23 Carta do padre Gaspar Vilela [...] aos 13 de julho de 1564. José Manuel Garcia (org.). *Op. cit.* p. 140.

24 Cf. Adone Agnolin. 'Religião e política nos ritos do Malabar (séc. XVII): interpretações diferenciais da missão jesuítica na Índia e no Oriente' *CLIO. Revista de Pesquisa Histórica - Dossiê Estudos Jesuítos*, v. 27, n. 1, Recife, 2009. p. 203-256.

Dizem que foi de muita polícia, assim nas cousas das seitas, como de artes, e ainda dá mostras disso, porque daqui, e da serra que disse saíram as seitas que há em Japão, e aqui residem as cabeças dela [...]”²⁵

A preocupação que mantinham em infiltrar-se nessa comunidade transpassava a compreensão e a identificação dos costumes e elementos culturais. O que gerava muitas reticências e desconforto por alguns eclesiásticos era o fato de que esses padres começavam a optar por caracterizar-se com vestes japonesas, agindo segundo a sua etiqueta e inclusive tolerando determinada concepção de estilo de vida divergente daquela europeia/cristã. Essa atitude tinha como finalidade conseguir que o estranhamento inicial face à diferença gritante entre os dois grupos fosse amenizado. Como fisicamente já eram completamente estranhos uns aos outros, poderiam, talvez, ser mais facilmente aceitos. Um dos motivos pelo qual Vilela teve maior dificuldade em receber uma autorização para ele e Lourenço instalarem-se no *Miayko* foi o fato de não conseguirem tanta abertura por parte das pessoas que viviam nessa localidade – mesmo tendo se ornamentado como elas e contando com a companhia de um japonês, pois ainda não estavam habituados a essas ainda “estranhas figuras”. Tiveram muitas vezes que trocar de casa por sofrer hostilidade, tanto por parte dos outros religiosos, como da população em geral.

Por essa ser a capital política e administrativa do país, eram ali canalizados diversos conflitos provenientes da situação instável entre os *daimyos* em disputa pelo poder. Mesmo sendo mais difícil a permanência dos padres na capital que em *Kyûshû*, essa região era uma grande promessa, já “[...] que é cabeça de todos estes reinos do Japão, e a cidade é outra Roma, assim na polícia, como por ser cabeça de todas as suas leis [...]”²⁶.

O trabalho de abordagem da população desenvolvido por Vilela e Lourenço era dividido em tarefas e etapas. Enquanto o segundo assumia a responsabilidade de fazer a primeira investida principalmente em virtude da sua eloquência na língua, o primeiro, já tendo sido feita essa aproximação, ocupava-se dos batismos e propriamente da doutrinação dos convertidos. As dificuldades enfrentadas na capital os forçaram a recorrer às cidades e ao seu entorno. No início, Lourenço auxiliaria Vilela no apoio às pequenas comunidades que começavam a ganhar destaque em relação à capital e *Sakai*, trabalhando essencialmente como intérprete do padre; por mais que ele estudasse o idioma, ainda não tinha atingido total versatilidade nele.

Levo comigo um irmão natural do Japão, por nome Lourenço, para ser interprete nas disputas e práticas que tiver, e nas mais cousas do serviço do Senhor. Porque ainda que eu saiba a língua, por derradeiro a me, é me madrasta, e a ele natural.²⁷

Lourenço, devido a sua rápida compreensão da doutrina cristã, tornou-se um indivíduo diferenciado e indispensável à evangelização. Compreendia fielmente quais eram as concepções da religião e, sabendo as sutilezas da língua, conseguia burlar muitos desentendimentos então cometidos quanto à adoção equivocada da terminologia budista²⁸.

25 Carta do padre Gaspar Vilela, do Japão da cidade do Sacáy [...] a 17 de agosto de 1561 José Manuel Garcia (org.). *Op. cit.* p. 90v.

26 Carta do padre Gaspar Vilela [...] de 1565 [...] Idem. p. 195.

27 Carta do padre Gaspar Vilela [...] ao primeiro de setembro de 1559. José Manuel Garcia (org.). Idem. p. 69.

28 Xavier recorreu por algum tempo ao termo *Dainichi*, designação pertencente a uma seita budista e que correspondia a uma de suas divindades, como opção de tradução para Deus. A questão não é simplesmente o real significado do termo, mas sim que, ao utilizá-lo, o padre corria o risco, além de não conseguir passar a essência do que representava aquela categoria, de ser confundindo como mais uma variação de seita. Essa não foi a única terminologia utilizada de maneira incorreta, mas todas elas são de caráter religioso, como inferno, paraíso e anjos, todos elementos básicos da doutrina católica. Com o tempo, se deram conta da discrepância entre o que se pretendia e aquilo que realmente estavam conseguindo ensinar. Optaram por utilizar os termos em sua versão ocidental, adaptando-as à fonética do japonês, passando Deus a ser chamado de *Deosu*.

A década de 60 – especialmente o ano de 1563 – ficou marcada como uma das mais representativas para o desenvolvimento da missão japonesa nos moldes pretendidos. Estava em voga um intenso debate sobre a natureza do cristianismo, tido como corruptor dos princípios da filosofia e das religiões japonesas (outro lado da preocupação da corrupção dos elementos culturais; não eram apenas os cristãos europeus que queriam manter sua integridade). Lourenço desempenhou papel de destaque nesse ambiente pelo seu domínio do idioma, e profundo conhecimento da doutrina cristã e da organização e estrutura da religião local, incluindo suas especificidades linguísticas. Conseguindo defender-se e responder a altura as ameaças e críticas a eles deflagradas, os eclesiásticos conseguiram a atenção e a adesão de algumas lideranças (políticas e militares), o que resultou para a missão a conquista de importantes batismos. Consequentemente, em alguns casos após o batismo desses líderes, suas famílias e a população correspondente a sua autoridade/território também foram convertidos. No Japão, fugindo de uma discussão sobre a real crença ou não dos batizados, a conversão de muitas dessas comunidades a partir de seus *daimyos* pode ser interpretada como o resultado da submissão de determinada população ao poder do senhor local. Para alguns senhores, esse recurso era parte de uma estratégia política e econômica que permitia que eles fossem privilegiados ou beneficiados por meio de um relacionamento próximo com os europeus²⁹. Em meados de 1563 o *daimyo* Omura Sumitada (1533-1587) foi o primeiro de sua categoria batizado cristão, recebendo o nome de D. Bartolomeu. Sumitada concedia a certo tempo privilégios aos portugueses, mas foi sua conversão que ficou marcada como um dos principais indícios de que o cristianismo havia penetrado na camada aristocrática da sociedade japonesa. Essa situação estimularia outros senhores a também tomarem essa iniciativa.

Esse episódio marcou uma mudança significativa na história da evangelização do Japão. De vez, era deixado de lado o trabalho de catequização voltado para a “gente baixa”, as pessoas comuns, para ser focado diretamente nos governantes e na elite local³⁰. Desde a capital até *Kyūshū* os missionários realizaram conversões de grande imponência, dando credibilidade à missão tanto em território japonês, pelos outros membros dessa mesma camada e pela população no geral, como para a própria Companhia de Jesus, que recebia notícias de resultados expressivos e positivos para o futuro dessa cristandade. Um dos principais problemas dos jesuítas tinham na missão era a falta de financiamento; por isso, foi primordial ter resultados animadores a serem apresentados.

Em certo aspecto, Lourenço permaneceu limitado especificamente a difundir a doutrina cristã, sem veicular outros valores da civilização ocidental. Apesar de terem ocorrido trocas simbólicas entre japoneses e europeus em outras instâncias além da religiosa, nesse espaço, o de atuação missionária, eram eles que propunham adaptar-se ao estilo de vida da sociedade japonesa. Para isso, dependiam muitas vezes do suporte dos locais, que melhor compreendiam os detalhes que lhes passavam despercebidos ou ininteligíveis. Não era forçada a adoção pelos religiosos nativos de uma postura condizente ao concebido como ideal na Europa. Mesmo estando apenas ligados à religião, podem, de certa maneira, ser considerados como agentes do expansionismo luso no geral³¹, tendo em vista que a religião católica é um dos principais elementos identitários do europeu ibérico. Nessa cristandade foi desenvolvida uma das muitas formas do cristianismo, a versão possível ante as opções ali feitas para a interação e o compartilhamento de uma simbologia compreensível por ambos, coerente nesse contexto em especial. A presença inaciana no Japão, em todas as suas dimensões, deve ser compreendida no sentido de trocas e não de dominação, tendo uma boa parte dos missionários adaptado-se aos hábitos cotidianos da civilização local e aprendido a língua do país. Mesmo que em níveis diferentes, os japoneses que atuavam junto aos

29 João Paulo Oliveira e Costa. *O Japão e o cristianismo no século XVI: ensaios de história luso-nipônica*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999. p. 293.

30 Idem. p. 93.

31 Idem. p. 95.

missionários praticamente só adotaram a religião.

[...] O irmão Lourenço, japonês de cinquenta anos e mui insigne pregador, não sabe falar nenhuma cousa em português nem em latim, senão em japonês e há mais de vinte anos que é da Companhia [...] ³²

Por representar riscos e a quebra com antigos princípios seguidos até então, que compreendiam uma superioridade europeia e cristã, a adoção desse tipo de metodologia não foi assumida unanimemente por todos os missionários. Um dos principais opositores ao seu emprego e que posteriormente tomou posse de um alto cargo dentro da hierarquia eclesiástica foi o padre Francisco Cabral (1533-1609), superior da missão no Japão dos anos de 1570 a 1580 e um dos missionários resistentes a aprender o idioma japonês. Cabral foi contra a adoção de elementos culturais japoneses e a formação de um clero nativo, o que colocaria-o posteriormente como um dos maiores opositores de Valignano, na fase seguinte em que essas opções são feitas de maneira oficial e em maior escala.

Vilela, “o primeiro superior do Miaco [...] que governou quatro anos [...]” ³³, retornou ao sul do Japão por requisição do ainda superior Cosme de Torres, em virtude da preocupação que nutria em relação à dimensão tomada por essas experimentações e da falta de unidade no referente ao método de trabalho empregado pelos padres. Torres, quando sucedeu Xavier como superior da missão japonesa, mostrou-se desde o início favorável à adaptação como opção metodológica viável para o Japão, mas em meio a diversos outros problemas parecia temer a perda do controle. Com isso, em 1566 o padre Gaspar Vilela retornou a *Kyūshū*, tendo Lourenço também deixado a missão do centro do país. Luís Fróis, que passou a atuar na região, deparou-se com uma pequena missão, mas que contava com um número expressivo de conversões. O padre foi estreitando laços com Oda Nobunaga, que a partir de 1568 proporcionou segurança e proteção aos padres, possibilitando uma postura diferente na missão com a abertura de um maior número de casas e igrejas. Essa medida foi possível graças às conquistas dos anos anteriores, quando os missionários insistiram por realmente ter seu espaço e um número relevante de adeptos, sendo ultrapassadas as barreiras do estranhamento mútuo, que até então ainda estavam sendo superadas.

Perguntou-me pelos trabalhos que nos princípios se tivera na propagação da Lei de Deus no Miaco, e como lá são o padre Gaspar Vilella que Deus tem, e que lhe contasse tudo muy miudamente, e dos irmãos Japão quem era o que mais sabia e o que melhor pregava [...] ³⁴

Enquanto os missionários estavam isolados dos europeus, apenas convivendo com os japoneses, e ainda não alcançando um nível de conhecimento da língua suficiente para comunicarem-se mais desprendidamente, eles buscavam mecanismos alternativos para burlar essa limitação. Além de recorrerem a auxiliares nativos, desenvolveram textos sobre a vida dos santos, a doutrina cristã e temas espirituais, no geral traduzidos para o japonês por meio do alfabeto romanizado do idioma ³⁵. Com a leitura desses escritos eles conseguiam comunicar-se diretamente com a população, mesmo não tendo eloquência nem conseguindo desenvolver qualquer tipo de discussão mais profunda e maiores elucidações ao público.

32 Josef Franz Schutte (S.J.). *Op. cit.* p. 113.

33 RAH: *Jesuítas*, Legajo 21, pasta nº1, p. 12v.

34 Carta do padre Luís Froes que escreveu de Bungo *Livro em que se escrevem as coisas notáveis que nas cartas da Índia, Japão e China* [...]. Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, *Armário Jesuítico*, liv. 28, p. 100.

35 João Paulo Oliveira e Costa. *Op. cit.* p. 172.

A língua não é muito dificultosa de entender, porque sendo eu rude sei muita parte dela, ao menos no entender, e ainda que o fosse, temos muitos livros das cousas de Deus escritas nela [...]»³⁶

Com o tempo, além desse tipo de material, ainda restrito e escasso, foram elaborados outros livros para suporte da catequização, especialmente traduzidos para o japonês. Esse investimento foi sendo consideravelmente ampliado na medida em que era incentivado e fortalecido o caráter educacional da missão.

«Ultra desto le dio el libre aluedrio para que conociendo lo malo y lo bueno huyese lo vno y abraçase y procurase lo outro, y para poder venir e conocimiento destas dos partes que tan importantes son y dignas de conocerse, es la mayor y mas principal la escriptura, y leccion de libros virtuosos em los quales despues de aprender las cosas que tocan nuestra sancta y católica Religion, y lo que deuemos saber para cumplir com la obligacion que tenemos de Christianos: tambien podemos saber las que nos conviené para bivar como hombres sabia y discretamente : imitando las acciones de otros hombres sábios y excelentes que nos na dexado exemplos maravillosos de sus vidas y costumbres , y la lecciõ que mas mueve a mi parecer es la Historia, em la qual se repuevan y abominan los malos, y se alaban y engrandecen los Buenos [...]»³⁷

Cada vez mais, os missionários precisavam de um material específico para elevar o conhecimento que tinham do idioma japonês, não mais sendo uma habilidade conquistada por esse ou aquele missionário. A sistematização de gramáticas ainda era uma área nova e sem padrões estabelecidos, ainda mais tratando-se do japonês, idioma tão específico e com fundamentos tão distantes das línguas europeias. Não era uma tarefa de fácil execução, contando como referência anotações e observações fragmentadas e não articuladas, sem ter-se conseguido ainda um completo consenso para sua análise. No prólogo do dicionário japonês-português, impresso em *Nagasaki* no ano de 1603 com o nome de *Vocabulario da Lingoa de Iapam*, é registrada a frustração que os padres sentiam pela demora na elaboração de um trabalho desse porte, que servisse como guia mais complexo para os missionários que aprenderiam a língua ou aperfeiçoariam o seu conhecimento do idioma japonês:

[...] para isto se requeria muita notícia, experiência do uso desta língua, e mais exato exame dos vocábulos não se podia em breve tempo fazer tão grande obra, posto que há anos havia alguns vocabulários e Artes de mão de que se ajudavam os que de novo aprendiam [...]»³⁸

Vilela, que não era linguista, deu uma grande contribuição no sentido de registrar algumas das características e relatar suas impressões sobre o idioma. Pela sua formação, tendência individual e preocupação em analisar e observar os elementos que estruturavam esta sociedade, fez registros sobre diversos detalhes que para outros padres poderiam não ter sido considerados suficientemente relevantes. Esses registros não são apenas interessantes para identificar qual era a compreensão que os missionários tinham sobre o assunto, mas também para uma investigação do japonês falado no período e as opções feitas por eles para representá-lo.

36 Carta do padre Gaspar Vilela, de Japão da cidade do Sacáy [...] a 17 de agosto de 1561 José Manuel Garcia (org.). *Op. cit.* p. 93v.

37 Biblioteca Nacional de Portugal, Res. 894. *Historia de cosas del Oriente*, Córdoba: Diego Galuan / Miguel Rodriguez, 1595, p. 11.

38 Companhia de Jesus. *Vocabulario da lingoa de Iapam*. Shigenobu Ôtsuka (org.). Osaka [“Nangasaqui”]: Seibundô [Companhia de Jesus], 1993 [1603].

O primeiro princípio deles foi hum homem chamado Combondaxi, e letrado, e segundo muitas cousas que dele ouvi, tinha algum demônio familiar. Este inventou um gênero de letra em Japão mui usada, a que chamam Cana [...] ³⁹
 [...] que há muitas letras, e de diversas maneiras entre eles, assim do seu reino, como que receberam da China [...] ⁴⁰
 Inventou nova letra, de que nesta terra usam, com outra que tem da China [...] ⁴¹

Singularidades da língua japonesa que permanecem na sua versão contemporânea, em muito elucidativas e representativas da história japonesa e do jeito de ser japonês. Muitos elementos de sua cultura sofreram influencia direta da China, como a escrita, a vestimenta, etc. O *Kana* é uma opção de alfabeto para a escrita da língua japonesa ao *Kanji*, de origem chinesa. Seguem registros de alguns *Kanjis* e seus significados, aos quais o padre fez referência em uma de suas primeiras cartas aos companheiros da Índia e Europa:

[...] se pos aqui pera verem a maneira de suas escrituras, alvarás, e letra. E cada figura destas significa o que vai sobre ella [...] ⁴²

Nessas regiões do Japão, onde os padres pioneiros conseguiram estabelecer-se e conquistar um espaço para a catequização, foram cada vez mais investidos recursos humanos e financeiros a fim de ampliar a área de atuação da ordem e solidificar o conseguido até então. É certo que com a chegada de Alessandro Valignano, na qualidade de visitador, foram fundados colégios e seminários que depois dariam o suporte necessário a esse tipo de projeto. Mas as bases para isso ser possível haviam sido alcançadas a partir do trabalho desses primeiros padres, que por meio do acerto e do erro definiram quais eram as formas mais eficientes de se dar continuidade à evangelização. Valignano tinha autoridade suficiente para assumir oficialmente, em nome da missão japonesa, uma postura favorável a essa proposta metodológica, pelo alto cargo ocupado dentro da Companhia de Jesus e na campanha oriental em específico. Reunindo todas as informações colhidas até então, pôde, antes mesmo de chegar ao Japão, refletir e tomar decisões debruçado sobre um vasto material levantado por aqueles que o precederam, mas sem qualquer tipo de autoridade além da autonomia – fruto do isolamento temporário ao qual estavam entregues, como foi o caso de Gaspar Vilela.

A opção pela adaptação cultural no Japão foi uma demanda da circunstância e dos agentes especificamente envolvidos. Praticamente todos os elementos da cultura europeia, das artes à língua, receberam roupagens japonesas ⁴³. Nesse espaço de convívio entre japoneses e religiosos católicos, esse era um comportamento que chamava a atenção e gerava certa correspondência por parte daqueles que passavam a permitir uma abertura ao contato. Com o desenvolvimento de um trabalho de cunho educacional mais intenso e menos limitado, os jovens locais que iam ingressando nesse meio também recebiam o ensinamento do conhecimento europeu, caso da própria língua latina em que muitos tinham tanta facilidade e, aprendendo-a de maneira eficiente, tornavam-se tradutores e intérpretes ⁴⁴. Nessa perspectiva, não apenas eram elaborados manuais e estudos para melhor esclarecer quais eram as regras e formas de uso do idioma japonês, como mecanismos que tinham como finalidade compreender melhor a sua língua frente às outras. Ao depararem-se com toda essa diversidade linguística e cultural, não era mais possível sintetizar o

39 Carta do padre Gaspar Vilela de Japão [...] escrita no ano de 1562 José Manuel Garcia (org.). *Op. cit.* p. 114.

40 Carta do padre Gaspar Vilela [...] de 1565. *Idem.* p. 196.

41 Carta do padre Gaspar Vilela, de Japão da cidade do Sacáy [...] a 17 de agosto de 1561. *Idem.* p. 93.

42 Carta do padre Gaspar Vilela de Japão [...] a 29 de outubro de 1557. *Idem.* p. 61.

43 Juan G. Lisboa Ruiz de Medina. 'Interacción cultural en Oriente 30 años antes de Mateo Ricci' *Op. cit.* p. 139.

44 *Idem.* p. 135.

que compreendiam como “não civilizado”.

Na medida em que a missão foi crescendo, o baixo quadro de missionários mostrava-se um problema latente e de grande dificuldade de ser sanado. Mesmo para aqueles que já desenvolviam seu trabalho no Japão, havia obstáculos quanto à falta de intérpretes que os auxiliassem, já que só alguns tinham completa autonomia na comunicação. Boa parte dos missionários destinados ao Oriente permanecia na ocupação indiana, onde havia a maior presença europeia e missionária. No Japão, os saldos positivos ainda figuravam mais como promessas futuras que como dados concretos. No período da fundação da missão até o ano de 1576, e apenas nesse último ano, o número de religiosos que formava o corpo de “obreiros” da missão chegou a vinte. Na década seguinte, entre 1577 e 1586, ampliou-se cerca de seis vezes o contingente anterior (período pouco posterior à primeira visita do padre Alessandro Valignano ao Japão, ou seja, com a presença de uma figura de tamanha importância dentro da Companhia de Jesus o volume de recursos despendidos pela coroa e pela ordem foi muito maior), mantendo-se próximo a 70⁴⁵. Ante essa falta de agentes, os padres que lá se encontravam acumulavam funções e passavam a não dar conta de todo o público então convertido.

[...] que lhes certifico irmãos, que é o tempo chegado da vindima. Está esta terra muito aparelhada pera se chegar a seu salvador, se houver operários, e línguas que os ajude [...]⁴⁶

A distância geográfica do Japão em relação a Índia e a Europa já era por si um grande empecilho. Somado a isso, a Companhia e os europeus mantinham muitas reticências quanto a depender missionários treinados e com uma formação a altura para destiná-los ao Extremo Oriente, já que para muitos estes deveriam permanecer na Europa ou em outras regiões de presença missionária. Era necessário que, para o Japão, não somente fosse enviado um número significativo de missionários, mas que estes fossem anteriormente bem instruídos – o que demandava um tempo relativamente longo. É intrínseca à Companhia de Jesus a formação humanista de seus membros, parte privilegiada da sociedade a qual pertenciam. Eram comumente versados em mais de uma língua. Apesar disso, foi necessário, para aqueles que atuaram nessas regiões, um estudo específico a fim de estarem aptos a iniciar as atividades em sua chegada. Passava cada vez mais a ser considerado prejudicial o envio desses novos companheiros com uma caracterização demasiadamente europeia, muito distante daqueles que já buscavam acomodar-se àquele universo.

Cristãos e igrejas. Considerem vossas reverências o peso dos trabalhos, que estes padres teriam, como tiveram em reinos estranhos, e tão alongados dos em que nasceram, pregado lei tão nova a entendimentos de tantos gentios, e com tantas contrariedades como tiveram, por ser a gente muito em extremo afeiçoada a seus ídolos, e idolatrias [...]⁴⁷

Considerando todo o seu histórico, podemos compreender a missão jesuíta no Japão – que durou cerca de um século – em dois contextos bem distintos. Primeiro, os missionários tinham um conhecimento muito limitado sobre a vida no Japão e suas especificidades culturais e

45 João Paulo Oliveira e Costa. *Op. cit.* p. 31. Para um levantamento estatístico das características dos missionários que atuaram ao longo de praticamente todo o período de existência da missão japonesa: Cf. João Paulo Oliveira e Costa. ‘Os jesuítas no Japão (1549-1598): uma análise estatística’. *O Japão e o cristianismo... Op. cit.*

46 Carta que escreveu o padre Gaspar Vilela de Miáco [...] a 17 de julho de 1564. José Manuel Garcia (org.). *Op. cit.* p. 139v.

47 Carta do padre Gaspar Vilela [...] de 1565. Idem. p. 194v.

políticas, descobrindo um jeito de trabalhar por meio da ação direta e prática de um corpo missionário escasso e deixando diretrizes e exemplos das experiências tidas até então. No entanto, conseguiam ter maior autonomia de atuação, já que não sofriam uma rígida fiscalização e encontravam-se algumas vezes completamente isolados. Politicamente, a situação do país era muito específica, onde o poder ainda era fragmentado e em plena disputa entre diferentes líderes que buscavam sobressair-se, a fim de assumir para si a centralização governamental. Por último, mas não menos importante, a exclusividade da presença missionária jesuítica, ainda não disputando seu público com outras ordens, e o controle da mesma pela coroa portuguesa, então maior interessada na região. Em um segundo momento, as diretrizes para o trabalho já haviam sido definidas e assumidas oficialmente (mesmo ainda causando certos conflitos e indisposições) e o material colhido pelos missionários era volumoso. Apesar de ainda não terem um número muito grande de missionários - em vista do necessário ante o volume de conversões - registrados em seus documentos, esse já era muitas vezes superior ao das primeiras décadas da missão, preenchido em parte pela admissão de nativos. Começava a haver um investimento para ampliar o controle pela Igreja das instituições ali fundadas, e começavam a aparecer pequenos focos de religiosos das ordens mendicantes, gerando grandes debates em torno da disputa entre seus representantes e os jesuítas. Com a conquista da reunificação política em um único governante, o jogo de interesses do qual os padres faziam parte alterara-se, pois a própria postura deste líder era mais forte e agressiva em relação à presença europeia – principalmente religiosa. Além disso, portugueses passavam a dividir religiosa e comercialmente seu espaço com espanhóis e apenas em âmbito comercial com holandeses e ingleses⁴⁸.

Apesar de o padre visitador Alessandro Valignano ser considerado o responsável pela implementação da acomodação cultural como prática a ser seguida pelos jesuítas no Japão – levando em conta todas essas considerações –, fica claro que a adaptação missionária na região foi assumida muito antes, logo nos primeiros passos dados pelos missionários. Foi, *a priori*, percebida por Francisco Xavier como viável e necessária à evangelização dos japoneses. Mas ele não teve a oportunidade de participar, pois permaneceu pouquíssimo tempo no Japão. O padre Cosme de Torres, que assumiu enquanto superior da missão o seu lugar, apoiado por um número um pouco maior de missionários dispostos a trabalhar nestas terras até então inóspitas, já havia se manifestado favorável a esse tipo de metodologia. Gaspar Vilela, nesse contexto, apesar de não ter atingido o renome e muito menos o tipo de poder dentro da missão japonesa – a exemplo de Valignano –, foi peça fundamental nessa fase inicial tão peculiar e deixou um relevante legado para a posterior consolidação da presença jesuíta e o início de outras etapas da evangelização por aqueles que assumiram-na anos mais tarde. Alessandro Valignano foi realmente uma figura importante no cenário de uma proposta diferenciada da ordem para o Japão, mas representou um estágio distinto da respectiva missão, somente possível ante um trabalho que já feito por aqueles que o precederam.

48 João Paulo Oliveira e Costa. *Op. cit.* p. 159.